

AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA

MANIFESTAÇÕES DE AGRESSIVIDADE NAS ESCOLAS

Delcy Stumm Tamankieviez

Orientador: Prof. Ilso Fernandes do Carmo

JUÍNA/2013

AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA

MANIFESTAÇÕES DE AGRESSIVIDADE NAS ESCOLAS

Delcy Stumm Tamankieviez

Orientador: Prof. Ilso Fernandes do Carmo

*“Trabalho apresentado como exigência
parcial para a obtenção do título de
Especialização em Psicopedagogia”.*

JUÍNA/2013

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender porque e como ocorrem tantas manifestações de violência entre estudantes e quais são os fatores integrantes que levam adolescentes e jovens a maltratar outros provocando tanto mal. Ações de violência de pequenas e grandes proporções na vida dos seus semelhantes. Como ocorrem as manifestações de agressividade, quais as causas do aumento da violência no ambiente escolar e nas famílias. Devido às exigências, as famílias muitas vezes destituem-se da sua função educativa, delegando-a à escola o compromisso de educar.

O bullying é sem dúvida um fenômeno antigo, que sempre esteve presente nas escolas, mas, atualmente vem sendo estudado mais detalhadamente. Essa ação é um conjunto de atitudes agressivas, e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por terceiros provocando dor, angústia e sofrimento. Qual seria influência da família na vítima de agressividades e ou bullying na escola. E onde que a família pode ajudar para que isso não se torne uma situação repetitiva. Muitas vezes ficamos nos questionando o porque de uma criança, andar numa eterna apatia demonstrando, pouco interesse em estudar e por que apresenta dificuldade de aprendizagem. Infelizmente passam despercebidos, os reais motivos dessa reação que, acaba por tornando um problema de saúde e exclusão social.

Escolhi esse tema para estudar para compreender melhor as causas e conseqüências do aumento de manifestações de agressividade entre alunos a falta de disciplina. Através de pesquisa bibliográfica procurei, compreender melhor as relações familiares/ filhos/escola. Os resultados dos estudos mostraram que a desestruturação da família, situação financeira das mesmas, leva os pais a ficarem muito tempo longe dos filhos. Para passar por essa transição pais e escola precisam se unir fortemente numa parceria na educação dos filhos/alunos.

PALAVRAS CHAVE: família, criança, escola, agressividade, bullying.

SUMÁRIO

Introdução	04
1 - O papel da família na vida da criança	09
1.1 - A agressividade dentro das famílias e na escola	12
2. - Relação família /aluno/escola	16
2.1 - A indisciplina e a agressividade no ambiente escolar	18
3. - Manifestações de Bullying	21
3.1 - Classificação do Bullying	23
3.2 - As conseqüências provocadas pelo Bullying	25
3.3 - Papel do educador na prevenção da violência	27
Considerações finais	32
Referências	34

INTRODUÇÃO

No presente trabalho aborda-se como a dinâmica familiar influencia para que uma criança se torne agressiva e ou retraída a ponto de se tornar uma vítima de *bullying* na escola. E o que a família e a escola podem fazer para mudar ou ao menos diminuir as influencia de ações de violência nas escolas. A violência entre as pessoas, crianças e adolescentes tem crescido assustadoramente e em todos os meios, classes sociais na maioria dos países. Apesar de toda tecnologia que possuímos os meios de comunicação, informações em tempo real. Pergunta-se porque o homem continua a agir com tanta ignorância em relação ao seu próximo.

Este trabalho também é uma de reflexão o papel da família na educação, nos dias de hoje, e o fenômeno de violência e como ela se registra na sociedade; a violência dos jovens fruto da ausência de referências positivas e se pode haver uma interação positiva ou não entre a escola e seus alunos. As causas da violência, sua prevenção e como o educador social, enquanto profissional qualificado deve agir na prevenção da violência, de conhecer como a escola, a família, a sociedade estão se organizando na gestão desta problemática tão grave nos dias de hoje. O registro de estudantes que são cada vez mais indisciplinados e mal- educados com professores e colegas interrompendo assim o clima dentro das escolas com agressões verbais e físicas. Apesar dos educadores estarem sempre orientando os alunos em relação a contadas de comportamento e ética, estão encontrando dificuldade nos objetivos almejados.

OBJETIVO GERAL:

Para que a escola deixe de ser um lugar de continuidade das manifestações de agressividade e violência, precisamos tentar compreender melhorar a qualidade das relações pessoais e de ensino e aprendizagem, através da conscientização sensibilizar o educador e o educando encontrando maneiras de prevenir a violência e bullying em suas diversas formas. Conhecer as situações de violência entre pares e as de bullying nas escolas e na vida das pessoas. Procurar conhecer a que

proporção, estão, os fenômenos ligados à violência, e porque têm adquirido âmbito no cada vez mais terríveis dentro da sociedade.

OBJETIVOS ESPECIFICOS

___ Para atingir os requeridos objetivos, o estudo será realizado através de pesquisa de campo por meio da coleta e da análise de dados quantitativos e qualitativos, visando o foco nas seguintes dimensões do tema:

___ Qual a incidência de maus tratos e de *bullying* no ambiente escolar.

___ Quais as causas de maus tratos no ambiente escolar;

___ Maneiras de manifestação de agressividade, maus tratos no ambiente escolar e entre os familiares

___ Identificar o perfil dos agressores e das vítimas de maus tratos e de *bullying* no ambiente escolar;

___ Que estratégias são utilizadas a diminuição da violência e o combate do bullying nas escolas.

PROBLEMATICA

Pesquisar quais são os fatores que estão provocando, a manifestação de violência cada vez maior entre estudantes dentro das Unidades Escolares e entre Familiares?

Porque as pessoas sentem tanta necessidade em agredir o seu próximo?

Quais as conseqüências provocadas pelo bullying na vida de uma criança e de um adolescente?

JUSTIFICATIVA

Diariamente, educadores se deparam com o problema comum nas escolas: a violência entre os alunos. Várias formas de violência hoje tem sido alvo de investigações e de melhor compreensão de suas características como o chamado: bullying manifestação ligado às condutas relacionadas a intimidação, agressão,

tirania, ameaças e insultos sobre uma vítima de quem ocupa tal papel. Hoje em dia, a palavra também se emprega para considerar o assédio que uma pessoa ou um grupo pratica.

Devido a condutas agressivas entre estudantes, e com tipos distintos de agressão que se manifestam por meio do exercício de ações negativas de um sobre o outros. Percebemos que são alvos, sujeitos excessivamente acanhados e tristes, apresentando algumas características que os destoam do grupo social de que fazem parte: a cor do cabelo, o tipo físico, a opção sexual etc. Além disso, o autor do bullying agride o alvo em frente a espectadores durante um período de tempo curto que não deixa transparecer que esse ato acontece constantemente. E por essa razão a vítima vai se sentindo cada vez mais amedrontada com as agressões que vão se tornando cada vez mais serias.

Em geral, quando a criança sofre *algum tipo de violência* por um longo período, ela passa a aceitar essa conduta dos colegas se tornando cada vez mais retraída, não sendo capaz de se indignar com essa situação. Muitas vezes sozinha e sem amigos para a apoiarem, a criança se isola socialmente e prefere não comentar sobre o assunto com ninguém por se sentir envergonhada se achando indigna de receber um tratamento melhor do que merece principalmente se sofrer agressões de varias pessoas.

O pior é que esses atos de agressividade passam despercebidos pelos professores da escola, os quais, muitas vezes, são também responsáveis por chacotas feitas aos alunos. “Brincadeiras” como apelidos, podem ser como um estopim para que os alunos achem normal tratar seus colegas de sala da mesma forma.

O problema pode ter inúmeras causas como relacionamentos familiares, autoritarismo, a permissividade, a ausência de limites e afeto e o abandono, e mais, podemos ainda acrescentar a força da mídia, principalmente por meio de programas e filmes violentos, também temos a influência cultural — como o egoísmo, o individualismo e o descaso colaboram para a falta , compaixão, tolerância e respeito.

Dependendo da gravidade e do tempo de exposição aos maus tratos que a criança o adolescente sofrer, esse fator pode comprometer seriamente o processo de aprendizagem do sujeito. Consequentemente as conseqüências podem atingir

também o processo de socialização e causar retraimento, dificuldade no relacionamento e na tomada de iniciativas e de decisões. Os problemas podem atingir até a saúde das vítimas e desencadear sintomas e doenças de fundo emocional, como dores de cabeça e de estômago, febre, vômitos, alergias, fobias e depressão. Infelizmente entre varias formas de violência. o bullying hoje, é um dos grandes problemas enfrentados pelas escolas do mundo todo. A intervenção deve vir dos pais, da escola e dos envolvidos, com ações sociais e psicológicas, que consigam que os envolvidos se indignem com esta situação e tentem revertê-la.

[...] O padrão de problemas de comportamento mostrado por muitas crianças agressivo-rejeitadas (desatenção, afetividade negativa e reação de raiva), é indicativo de deficiências na elaboração das interações. Elas correm as riscas de um ajustamento escolar pobre, mais do que a média de escolares evadidos, habilidades sociais deficientes para resolver problemas e alta taxa de indicação de problemas de saúde mental (SISTO, 2005, p.13).

É muito difícil identificar manifestações de violência e ou bullying, justamente quando esse fato acontece longe do olhar do adulto ou de um profissional da escola. Quando um professor ou um outro adulto presencia um episódio de agressão, na maioria das vezes esse evento é interpretado como uma violência banal ou corriqueira.

Todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), dentro de uma relação desigual de poder caracterizam o *bullying*. Portanto, os atos repetidos entre iguais (estudantes) e o desequilíbrio de poder são características essenciais que tornam possível a intimidação da vítima (ABRAPIA, 2007, p. 117).

Em muitos casos a família é chamada juntamente com a criança, e esta pede desculpas à vítima. Mas não é bem por aí. É preciso ter em mente que conhecer as características do bullying é muito importante para a identificação do problema, para que não se confundam os eventos. A mídia já vem divulgando tentando conscientizar há muito tempo, fornecendo uma série de informações acerca do assunto. O bullying tem suas próprias características, e por isso não pode ser confundidas com agressões casuais ou mesmo brincadeiras de mau gosto. A partir do momento em que a escola identificar a presença do bullying, é necessária uma observação constante.

Com base nestes pressupostos levantamos este instrumento de investigação que nos dará como “ponta – pé” inicial alguns pontos que favorecerá nosso leigo entendimento no que tange o tema “As dificuldades de aprendizagem,

os problemas agressividade, indisciplina que enfrentamos com alunos mediante determinados comportamentos e atitudes as quais muitas vezes não entendemos”, dificultando com isto a nossa prática pedagógica em sala de aula.

ESTRUTURA DO TRABALHO

Este trabalho encontra-se organizado em três capítulos no primeiro capítulo será abordado o tema: O papel da família na vida da criança, A agressividade dentro das famílias e na escola. No segundo capítulo será abordado o tema: Relação família/aluno/escola e a Indisciplina e a agressividade no ambiente escolar. No terceiro capítulo vemos As manifestações de Bullying, A classificação do Bullying, e As conseqüências provocadas pelo Bullying, Manifestação de Bullying e também Papel do educador na prevenção da violência.

1 – CAPÍTULO

PAPEL DA FAMÍLIA NA VIDA DA CRIANÇA

Precisamos pensar e falar sobre a violência para que possamos diminuí-la deixando de lado o hábito de ficarmos nos queixando, esperando que governos municipais e estaduais e federais tomem medidas rigorosas. É necessário cobrar medidas concretas dos órgãos públicos, mas também precisamos refletir sobre toda violência que ocorre na sociedade e no interior das famílias, nas escolas e em nossa comunidade. A ação solidária de cada um, individualmente, e de todos unidos, organizados em associações e instituições é uma necessidade urgente na sociedade brasileira.

O Sabemos que a famílias foram se transformando gradativamente com o passar das décadas, séculos até os dias de hoje, passando por muitas alterações através dos tempos. Houve épocas em que criança ou adolescente, não tinha infância, passava direto da fase de ser criança muito pequena a um adulto jovem, os adultos se envolviam na sociedade o objetivo era ajudar aos pais. No caso das meninas eram encaminhadas a afazeres domésticos e artesanato e no caso dos meninos na conservação dos bens e negócios familiares. Era deste modo que adquiriam conhecimentos e valores essenciais à sua formação passados de pai para filho. Outro fator importante era que a esposa era incumbida pela educação dos filhos, pois só trabalhava em casa. E o pai era responsável pelo sustento da família.

FREUD (1980), salienta a existência de famílias que conduzem rigidamente a criação e a educação dos filhos, fazendo com que o respeito seja obtido pela autoridade ou desprezo; a consequência inevitável é o desenvolvimento do medo e da insegurança na criança, assim como o complexo de inferioridade.

A severidade da criação exerce uma forte influência na formação do superego da criança. Na formação do superego e no surgimento da consciência os fatores constitucionais inatos e influenciados do ambiente real atuam de forma combinada [...] o que se trata de uma condição etiológica universal para todos os processos desse tipo. (FREUD, 1980, p. 33).

Mas com o passar do tempo, segundo (FREUD 1980), a situação financeira das famílias foi se tornando cada vez mais difícil, número de filhos muito grande em relação a renumeração da mesma, a ausência repentina do pai por morte ou abandono. E a mulher se obrigou a ir em busca do sustento da família.

Depois com as alterações sociais, a família sofreu grandes transformações, o número de filhos por casal, o casamento tornou-se mais instável com um número crescente de divórcios, aumentando as famílias foram sendo reconstruídas, as mulheres passaram a ter uma atividade profissional, estudarem até mais tarde, em busca da independência econômica e relegando muitas vezes a maternidade para segundo plano. E além do mais hoje os pais já não são os senhores absolutos da lei e da ordem. Portanto pais e as mães são unicamente os protetores do lar e zeladores da educação e formação dos filhos. Mesmo assim a família ainda constitui o primeiro lugar de toda e qualquer educação e deveria por isso ser assegurada, a ligação entre o afetivo e o cognitivo, e também a transmissão das normas e valores. Segundo Içami Tiba (1996, p. 43)

Quando falha o grande controlador, que é a família, representada na figura dos pais, os abusos começam a acontecer. E, quando um abuso é bem sucedido, ele se estende para social, na delinquência, na compulsão pelas drogas. Quando a família deixa o filho fazer sempre suas vontades, este com certeza criará problemas futuros., essa forma de educar os filhos, baseado no amor incondicional sem estabelecer as devidas restrições, dizendo com firmeza não e sim na hora certa, com explicações moderadas e objetivas estão levando as crianças a se tornarem jovens automaticamente dependentes, sem autocontrole e inseguros, incapazes de solucionar problemas que surgem na dinâmica de sua própria vida, sem perspectiva de uma vida futura progressiva, sem realizações enriquecedoras e positivas. Tendo em vista que o ser humano é por excelência insaciável, seus instintos de necessidades infinitas não são trabalhados e contidos por regras e pulso firme de seus pais, quando adultos, estarão sempre insatisfeitos com sua própria vida e com o mundo.

Devido às exigências dos dias atuais, segundo PAIS (1993), os pais colocam os filhos muito cedo em creches ou escolas de educação infantil. Chegam em casa exaustos após um dia de trabalho, têm ainda as atividades domésticas a serem realizadas, outros ainda trazem trabalho para casa. A criança é colocada sozinha a ver televisão ou a brincar sem um adulto que lhe dê atenção. A relação familiar centra-se prioritariamente nas necessidades físicas da criança, ou seja, na alimentação, na higiene e no descanso.

Embora ainda haja certa continuidade na transmissão de valores de pais para filhos, segundo PAIS (1993), a verdade é que as crianças de hoje adquirem a sua identidade não só dentro, mas também fora da família, através de discursos variados. Sabemos que lazer e o convívio com a família e os colegas, têm uma importância primordial no seu processo de socialização e formação.

Machado Pais (1993), refere que as culturas juvenis são fortemente viradas para o lazer, de certa forma em oposição ao saber tradicional da escola e da família, que privilegia a ordem e a certeza, o ensino e a transmissão de conhecimentos e experiências entre pares.

Esses novos contextos familiares geram, muitas vezes, segundo o mesmo autor uma sensação de insegurança e até mesmo de abandono. Isto é, as crianças e os adolescentes estão cada vez mais sofrendo as conseqüências desta enorme crise familiar. E essa mesma sociedade tem exigido, por diferentes motivos, que pais e mães assumam posições cada vez mais competitivas no mercado de trabalho. Enquanto que, antigamente, as funções exercidas dentro da família eram bem definidas, hoje pai e mãe, além de assumirem diferentes papéis, conforme as circunstâncias saem todos os dias para suas atividades profissionais e vendo seus filhos somente à noite. Toda essa situação acaba gerando uma série de sentimentos conflitantes, não só entre pais e filhos, mas também entre os próprios pais. a falta de equilíbrio, dialogo e acordo nas proibições e contradições, provocam insegurança, afetando seu estado de humor, deixam a criança mais desprotegida para se adaptar à realidade.

Algumas formas de violência são tão extremas que as vítimas se sentem anestesiadas ou acostumadas com algumas formas menos graves de violência. Sentem-se impotentes achando que precisam pagar por algum erro que cometeram que não existe luz no final do túnel para eles. Existem varias formas de violência contra crianças e adolescentes em todas camadas sociais, e principalmente manifestações violentas que partem de grupos distintos.

De acordo com FERNANDES (2001),

a agressividade está alcançando grandes proporções dentro e fora da escola. Fortes questões como desemprego, moradia, fome, saúde e educação abalam a estrutura familiar refletindo no contexto escolar, pois a criança reproduz o que ela vivencia. Estas questões relacionadas á desigualdade e exclusão social têm conduzido ao crescimento da delinqüência e da violência, quer na sociedade ou no interior da escola. Apesar do sistema educacional mostra-se um tanto inseguro quanto a preparação e a formação destas crianças, a escola ainda é um dos poucos locais onde as mesmas são estimuladas a seguir normas que poderão conduzi-las a um convívio social equilibrado.

Se esse tipo de estratégia se mostrar eficaz, gradualmente e a criança aprender a negociar, se o ambiente dela (escola, família, grupo social) valorizar essa atitude, aos poucos, a conduta agressiva passa a ser menos freqüente que outras

formas de controlar o ambiente. É por isso que as brigas e as disputas violentas são menos freqüentes com o passar do tempo e só acontecem em situações extremas, como, por exemplo, em caso de ofensas muito graves. Isso nos mostra que a agressividade não é algo próprio da “natureza” das crianças. Infelizmente, muitas vezes as condutas agressivas tornam-se tão freqüentes e persistem com o tempo, podendo se transformar em um problema mais sério na adolescência e na vida adulta. A agressividade torna-se a forma preferencial da criança ou do adolescente para resolver qualquer dificuldade. Várias pesquisas mostram que o desenvolvimento desse padrão de comportamento começa na infância e tem relação, principalmente, com as interações familiares e com o ambiente dentro da sociedade.

A agressividade das crianças e dos adolescentes preocupa pais, educadores e a sociedade em geral, pois a cada dia presenciamos mais manifestações de agressividade contra os próprios colegas, irmãos a professores e até em muitos casos os próprios pais passam a ser agredidos pelos filhos valentões.

Por isso é necessário olhar um pouco para o desenvolvimento da criança se é agredida nos primeiros anos de vida, como ela aprende a se comportar agressivamente. Por volta dos três ou quatro anos, segundo FANTE (2005), é bastante comum as crianças apresentarem condutas agressivas em relação aos adultos e às outras crianças, como morder, bater, dar chutes, Quando as crianças não ganham algum brinquedo ou é negado algum objeto e doce ela tende a reagir de forma agressiva. Nesta fase, a criança agride os outros para alcançar determinados fins, defender-se, até dar tapas nos pais. Quando eles lhe chamam a atenção. Essa conduta é a forma que a criança encontra de controlar o ambiente, ou seja, é a forma mais eficaz de satisfazer suas necessidades. Mas se a criança aprender com os adultos que há outras formas de se defender e obter aquilo que deseja que não é necessário tirar dos colegas os brinquedos, mas que é possível pedir para brincar com eles ou chegar a um acordo sobre como dividi-los, eles estão ensinando à criança estratégias sociais que podem substituir condutas agressivas.

1.1 AGRESSIVIDADE DENTRO DAS FAMÍLIAS E NA ESCOLA

Segundo PIAGET (1977), muitas crianças, adolescente utilizam a agressividade como forma para alcançar determinados objetos de desejo ou também para resolver qualquer problema relacionado aos outros colegas ou pessoas. Conduta que começa na infância se os pais não impõem limites dentro da família e no ambiente social. Tomem atitudes mais determinadas referente a disciplina dos mesmos. É de suma importância que pais e educadores compreendam que o comportamento agressivo da criança e do adolescente não surge do nada. PIAGET (1977, p. 435):

define as normas morais “como regras racionais de acordo mútuo”. Uma norma é boa quando satisfaz as “leis da reciprocidade” e para reconhecer se uma norma é boa, a criança “terá de colocar-se numa perspectiva que se harmonize com outras perspectivas.

A conduta de pais da família deve ser equilibrada para que a criança sinta que há limites que não se podem ultrapassar, aos poucos ensiná-lo a ser disciplinada. É necessário que a criança sinta que existe alguém que se importa com ela que lhe dê amor, carinho e se sinta segura. Deveríamos sempre agir com equilíbrio e de maneira coerente sem chegar aos extremos de qualquer situação, para não confundir a cabecinha das crianças; elas precisam entender que todos os demais também devem cumprir regras respeitando-se entre si para que haja harmonia dentro da família e na escola. Jamais rejeitá-la sob ameaça de abandoná-la utilizando essa conversação para puni-la. O efeito dessa atitude provoca problemas sérios na idoneidade mental e psicológica de qualquer criança principalmente se o castigo for repetitivo. Segundo PEREIRA a agressividade pode ser:

Ela pode ser ostensiva ou secreta. Ser praticada física através da agressão material. Mas também evidenciada por meio de gestos, atitudes, palavras, orais ou escritas, e até mesmo pelo simples olhar. Numerosas são as formas de que se reveste a violência como ingrediente de muitas ações humanas (1975, p.45)

Em muitos casos torna-se importante verificar se existe no seu convívio familiar e escolar alguma situação que esteja desencadeando o comportamento de agressividade. Um dos fatores que tendem a minimizar situações de agressividade e favorecer a redução destes comportamentos são as relações positivas entre crianças e seus professores, desta forma minimizando o comportamento agressivo dos educandos.

Atitudes de agressividade se manifestam através de mordidas, empurrões, aranhões e a bater no colega ou irmão por causa de competitividade em jogos, brincadeiras, seriam normais por um determinado tempo, mas depois passam. Mas em um número cada vez maior de crianças, Segundo PEREIRA (1975), isso não está acontecendo mais, devido as mudanças nas relações familiares, a ausência da figura materna devido a sobrecarga de trabalho e também dificuldades financeiras. Existem casos extremos em que a atitude da criança, acaba por comandar toda a família. Os pais criam sentimentos de impotência face à situação, ficando sem saber como reagir. Em outros casos as agressividades tornam-se cada vez mais grave, pois a criança reage de uma forma violenta à mínima contrariedade, por causa do desaparecimento de um brinquedo, ou outras situações idênticas etc. Transformando a vida familiar do quotidiano insustentável.

É necessário, que reflitamos muito sobre o tema violência, considerar as inúmeras formas de privação que são provocadas a partir de atos de agressividade. Todo ato de violência nos despoja de alguma coisa, da nossa vida, de nossos direitos como pessoas e como seres, cidadãos. A violência nos impede de ser o que gostaríamos de ser, e também de nos realizarmos como homens e mulheres. Para PEREIRA:

O estudo da violência se realiza a partir de três grandes vertentes que se subdividem em várias ramificações, dando origem a formas cada vez mais específicas do fenômeno. São estas: a física, a psicológica e a moral. O desrespeito em alguma dessas esferas parece ser um ingrediente indispensável para se considerar que uma situação possa ser definida como violenta. No momento em que ocorre o desrespeito acontece uma desconsideração seja do corpo, da mente ou dos valores de outrem. (Portanto é um erro, conceber a situação da violência somente em níveis de agressão física). (1975, p.61).

A violência doméstica, segundo PEREIRA (1975), também pode ser, um fator que pode exercer uma influência decisiva no comportamento de crianças e adolescentes. Cenas de violência em casa, ou mesmo quando são vítimas da violência dos pais, parentes próximos, padrastos. Em algumas circunstâncias até a escola pode vir a ser um ambiente propício para o desenvolvimento da agressividade de seus estudantes, quando a mesma não consegue lidar com crianças agressivas. E se omite de certa forma por não comunicar e encaminhar essa criança a um profissional especializado no assunto

Uma criança com distúrbios de comportamento, segundo PEREIRA (1975), provoca a hostilidade e a rejeição dos colegas não sendo aceita pelos mesmos,

começa reagir com atitude defensiva tentando se impor aos outros com violência, de forma a atingir aqueles que a rejeitam. Muitas vezes uma atitude dessas pode ser um pedido de socorro.

Por isso é muito importante conquistar a confiança do educando através estratégias diferenciadas com dialogo, promovendo a inclusão por meio de jogos e brincadeiras. As atividades físicas são necessárias para o bom desenvolvimento físico e intelectual do ser humano, tornando-o mais calmo.

Certas atitudes dos pais que podem ser chamadas de “condutas de risco”, estimulam o desenvolvimento agressivo de comportamento nos filhos. Uma dessas condutas é rejeitar a criança, mostrando claramente que ela não é amada ou que ninguém se importa pelo que possa lhe acontecer. Outras vezes, os pais são permissivos demais, deixando que a criança, faça tudo que deseje, mas em outras ocasiões são autoritários, punitivos e inflexíveis em excesso. Existe comprometimento familiar quando o adolescente ou a criança sente-se traído, achando que seus pais não acreditam no que dizem ou não manifestam ações afetivas (LOPES NETO, 2005).

Esse tipo de educação deixa a criança confusa sobre o que pode e o que não pode fazer e acaba tornando-se difícil para ela distinguir o certo do errado, o aceitável do inaceitável. Também não é raro encontrar pais que estimulam a conduta agressiva dos filhos, principalmente dos meninos, para a resolução de conflitos.

De acordo com FERNANDES (2001),

a agressividade está alcançando grandes proporções dentro e fora da escola. Fortes questões como desemprego, moradia, fome, saúde e educação abalam a estrutura familiar refletindo no contexto escolar, pois a criança reproduz o que ela vivencia. Estas questões relacionadas á desigualdade e exclusão social têm conduzido ao crescimento da delinquência e da violência, quer na sociedade ou no interior da escola.

2 – CAPÍTULO

RELAÇÃO FAMILIAR/ALUNO/ESCOLA

É preciso haver integração entre a escola e a família. Conforme MIELNIK

Agressividade infantil é situação que surge no ambiente familiar e exige dos pais um condicionamento especial, utilização de toda paciência e boa vontade e compreensão mais profunda da criança. Tudo indica que nos casos que ocorrem na sociedade há uma falha básica da família em seu papel contendedor dos impulsos agressivos. (1982, p. 148),

Segundo MIELNIK (1982), é uma das mais importantes questões discutidas por pesquisadores e/ou gestores dos sistemas e unidades de ensino em quase todo o mundo. Este é um fato evidenciado pela preocupação manifestada nos mais diversos fóruns (de reuniões escolares a fóruns nacionais e internacionais) pelos profissionais responsáveis por unidades escolares ou complexos sistemas nacionais de ensino.

Estudos nos mostram que a forma e a intensidade das relações familiares variam muito e diversos são os fatores como estrutura, escolaridade e situação financeira das famílias, classe social, ocupação dos pais. Muitas vezes é perguntado se as famílias não conseguem mais educar seus filhos, porque não se interessam mais em participar na escola, a falta de comprometimento dos pais deixa muito a desejar em relação a vida escolar dos filhos. Em muitos casos deixam a educação do filho a cargo da escola. Esquecendo que uma ação complementa a outra e vice e versa.

Dentre todas essas situações MIELNIK (1982), comenta que ainda podemos citar, as causas de ordem sócio econômica das famílias dos estudantes acarretando a necessidade do trabalho infantil e as causas de ordem sócio-econômica institucional, que vão desde as condições da estrutura física da escola quanto às questões administrativas, salariais, pedagógicas passando também pela formação do professor. E mais dentre os fatores de ordem interna do indivíduo, destacam-se os relacionados ao desenvolvimento cognitivo e os de ordem afetivo-emocionais, motivacionais e de relacionamento.

Como fazer, então, para interessar ou envolver a família na escola? Várias ações são propostas, as quais estão articuladas pela idéia de que cabe à escola um

papel preponderante na reforma social visada. Para prevenir e atuar, como diz PARO (1997, p.30)

a escola deve utilizar todas as oportunidades de contato com os pais, para passar informações relevantes sobre seus objetivos, recursos, problemas e também sobre as questões pedagógicas. Só assim, a família irá se sentir comprometida com a melhoria da qualidade escolar e com o desenvolvimento de seu filho como ser humano.

Por isso educadores que atendem essa população possuem papel fundamental para a reflexão e o debate, em busca de soluções. Devem fortalecer a rede de solidariedade na formação e transmissão do conhecimento. A escola se torna importante no envolvimento das famílias aos seus educandos sempre buscando, comprometimento no trabalho e aos desafios que impõe a sociedade.

As crianças e adolescentes como ocorrem em qualquer outra faixa etária, reagem diferentemente diante das adversidades e necessidades adaptativas, são diferentes na maneira de lidar com as tensões da vida. É exatamente nessas fases de provação afetiva e emocional que vêm à tona as características da personalidade de cada um, as fragilidades e dificuldades adaptativas.

Integrando os diversos espaços educacionais que existem na sociedade a escola deve procurar fazer e melhorar a posição a família, já implementada pela legislação existente.

No Parágrafo único do Capítulo IV do Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990), encontramos que

é direito dos pais ou responsáveis ter ciência do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais", ou seja, trazer as famílias para o convívio escolar já está prescrito no Estatuto da Criança e do Adolescente o que esta faltando é concretizá-lo, é pôr a Lei em prática. Família e escola são pontos de apoio ao ser humano; são sinais de referência existencial. Quanto melhor for a parceria entre ambas, mais significativos serão os resultados na formação do educando. A participação dos pais na educação formal dos filhos deve ser constante e consciente. Vida familiar e vida escolar são simultâneas e complementares.

Quando se fala em vida escolar e sociedade, não há como não citar o mestre Paulo Freire (1999, p. 18), quando diz que

a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda. Se opção é progressista, se não se está a favor da vida e não da morte, da equidade e não da injustiça, do direito e não do arbítrio, da convivência com o diferente e não de sua negação, não se tem outro caminho se não viver a opção que se escolheu. Encarná-la, diminuindo, assim, a distância entre o que se diz e o que se faz.

(apud BOCK, 1989, p.143) que

(...) a importância da primeira educação é tão grande na formação da pessoa que podemos compará-la ao alicerce da construção de uma casa. Depois, ao longo da sua vida, virão novas experiências que continuarão a construir a casa/indivíduo, relativizando o poder da família.

2.1 A INDISCIPLINA E A AGRESSIVIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR

A indisciplina e a agressividade no meio escolar é um fator de preocupação para muitos pais, sendo que a forma como muitas vezes é abordada, desligada dos fatos concretos e dos contextos reais em que ocorrem, dando a nossas escolas uma imagem pouco realista, acentuando, que poderiam ser facilmente solucionados. Frequentemente, procuramos culpados, para poder responsabilizar, sejam eles os jovens que “não tem regras”, os pais que “não os sabem educar”, ou os professores que “não sabem impor a disciplina”. Parece-me, no entanto, bem mais importante procurar as causas de certos comportamentos e atitudes, e nelas intervir, prevenindo os fenômenos de indisciplina e da agressividade.

A indisciplina e a agressividade são uma preocupação cada vez maior dos educadores. Pois os alunos batem nos colegas por qualquer motivo, destroem o material do colega, dificilmente permanecem sentados, conversam o tempo todo, o professor precisa estar cobrando atenção o tempo todo até na hora das explicações.

O barulho excessivo e constante cria um ambiente desagradável . Todos esses atos demonstram uma total falta, de respeito, com os estudos e professores. A ausência da família na escola é fator primordial para que se consiga uma melhor organização e disciplina para o aluno alcançar o aprendizado. Mas os pais de alunos mais problemáticos são os que menos aparecem na escola. Delegando a educação dos filhos a escola. CHALITA afirma que:

Não se experimentou para a educação informal nenhuma célula melhor do que a família, pois é nela que se forma o caráter. Qualquer projeto educacional sério precisa depender da participação familiar. Por melhor que seja uma escola, por mais bem preparada que estejam seus professores, nunca a escola vai suprir a carência deixada por uma família ausente. (2001, p. 16).

A indisciplina e a ausência de regras, representa um serio obstáculo ao trabalho e é um desafio para os educadores pois traz serias conseqüências ao ensino e aprendizagem do aluno. Não importando se estiver fazendo bagunça

constantemente ou pela primeira vez, pois no ato da indisciplina ele estará prejudicando não somente a ele como aos seus colegas, Para MIELNIK (1982: 60):

Crianças excessivamente inquietas, agitadas, com tendências à agressividade, se destacam no grupo pela dificuldade de aceitar e cumprir as normas, às vezes, não conseguindo produzir o esperado para sua idade. Estas crianças representam um desafio para suas famílias, a escola e sociedade, cabendo a estes estabelecer os métodos de orientação mais condizentes a cada situação e estabelecer os níveis de regimes necessários para obtenção da disciplina.

FREIRE (1997), afirma que o ensino é muito mais que uma profissão, é uma missão que exige comprovados saberes no seu processo dinâmico de promoção da autonomia do ser de todos os educandos. No trabalho cotidiano em sala de aula é possível presenciar, diariamente, cenas de indisciplina das crianças e questionamentos às regras da escola. Algumas escolas têm como princípio educacional o é proibido proibir e as crianças tornam-se verdadeiras donas de suas atitudes deixando os professores com poucos recursos para impor sua autoridade.

Somente com o desenvolvimento da capacidade, cognitiva, segundo GOTZENZ (2003) e a experiência de um grupo social que respeite e cumpra com atos de cidadania, é que o adolescente começará a ser capaz de julgar o certo e o errado. Tudo isso para demonstrar que a caminho, sedimentado com coerência, consistência e a intervenção sistemática da escola, família e sociedade. O processo de ensino-aprendizagem será mais bem trabalhado, para que possa ser superada com a união de todos os responsáveis neste processo, tendo como objetivo principal a formação integral do indivíduo. De acordo com GOTZENZ:

A disciplina escolar não consiste em um receituário de propostas para enfrentar os problemas de comportamentos dos alunos, mas em um enfoque global da organização e a dinâmica do comportamento na escola e na sala de aula, coerente com os propósitos de ensino. [...] Para isso é preciso, sempre que possível, antecipar-se ao aparecimento de problemas e só em último caso reparar os que inevitavelmente tiverem surgido, seja por causa da própria situação de ensino seja por fatores alheio à dinâmica escolar. (2003, p. 22)

Uma postura compartilhada em relação à indisciplina, investindo na prevenção. A escola deve funcionar através de espaços e tempos geridos com critérios adequados à participação e ao diálogo entre os alunos e destes com os professores, onde o problema deve ser contextualizado, analisando as suas causas profundas e favorecendo a mobilização de ações alternativas.

Segundo o próprio PIAGET:

Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva pois a muita coisa mais que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, freqüentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola, chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades...(1972/2000, p.50).

3 - CAPITULO

MANIFESTAÇÕES DE BULLYING

O bullying representa um comportamento agressivo que pode prejudicar a criança através de insultos, agressões intencionais, verbais ou físicas, feitas de maneira repetitiva, por um ou mais alunos contra um ou mais colegas e é entendido como ameaça, tirania, pressão, intimidação, humilhação e maltrato. É uma das formas de violência que mais cresce no mundo, hoje, pois podem ocorrer em qualquer contexto social, como escolas, universidades, famílias, vizinhança e locais de trabalho. Segundo CONSTANTINI (2004), geralmente acontecem por causa de discriminação que pode parecer uma simples brincadeira, um apelido inofensivo, mas que acaba afetando emocionalmente e fisicamente o alvo da ofensa. Além de um possível isolamento ou queda do rendimento escolar, crianças e adolescentes que passam por humilhações racistas, difamatórias ou separatistas podem apresentar doenças psicossomáticas e sofrer de algum tipo de trauma que influencie nos traços da personalidade. Diminuindo a autoestima que faz com que se tornem adultos com problemas de relacionamento conjugal ou familiar. Em outros casos extremos, o bullying chega a afetar o estado emocional do jovem de tal maneira que ele opte por encontrar soluções trágicas, como o suicídio.

Infelizmente a violência, agressão verbal e física denominada Bullying, segundo muitos autores está se agravando em todo mundo, em todas as classes sociais, em escolas particulares e públicas na zona rural e urbana, desde as séries inicial até o ensino médio. Até nos perguntam. Quando e como essas situações de maus-tratos, de opressão e humilhação que acontecem entre jovens e crianças vão diminuir.

Segundo o autor o bullying, é um fenômeno tão antigo quanto a própria instituição denominada escola. No entanto, o tema só passou a ser objeto de estudo científico no início dos anos 70. Várias universidades passaram a estudar mais o tema agressividade, bullying. Por causa de suicídios praticados por estudantes que sofriam agressões constantes de outros estudantes.

Para NOGUEIRA (2005),

Quando identificados um autor e uma vítima, ambos devem ser orientados. Seus pais devem ser alertados e estar cientes que seus filhos, agressor ou agredido, precisam de ajuda especializada. O comportamento dos pais diante deste comunicado é muito importante: não se deve cobrar o revide, nem intimidar ou agredir. Este é um momento de aprendizado para todos, e mostrar como se controlar, manter a calma e evitar comportamentos de violência é imprescindível. (NOGUEIRA, 2005, p. 9).

Para os agressores atos de violência são como diversão. LOPES NETO (2005), destaca que há os praticam e sofrem o bullying, há aqueles que só praticam o bullying e também a os expectadores que não praticam e nem sofrem, mas são permissivos e convivem onde acontecem essas manifestações.

Os jovens e crianças que sofrem essas ações negativas de forma intencional e repetidas vezes. São incomodados por um ou mais indivíduos, grupo formado. Geralmente a criança ou jovem que é alvo, costuma ser pouco sociável e é inseguro, possui baixa auto estima tem pouquíssimos amigos sofrem, pois ficam com vergonha, e devido o medo se torna incapaz de reagir torna-se ansioso, entrando em depressão, segundo FANTE (2005),

É um comportamento cruel e intrínseco das relações interpessoais, em que os mais fortes convertem os mais frágeis em objetos de diversão e prazer, através de brincadeiras que disfarçam o propósito de maltratar e intimidar. (p.29),

COSTANTINI (2004), explica que a prática do bullying

não são conflitos normais ou brigas que ocorrem entre estudantes, mas verdadeiros atos de intimidação preconcebidos, ameaças, que, sistematicamente, com violência física e psicológica, são repetidamente impostos a indivíduos particularmente mais vulneráveis e incapazes de se defenderem, o que leva no mais das vezes a uma condição de sujeição, sofrimento psicológico, isolamento e marginalização (p.69)

Muitas vezes, segundo o mesmo autor são os métodos familiares que criam alvos de bullying por protegerem demais seus filhos sendo rigorosos demais, impedindo que eles aprendam a se defender e a enfrentar desafios, por serem criticados o tempo todo e sendo responsabilizados pelas frustrações dos pais. São fatos que acontecem principalmente se os pais tiveram que assumir responsabilidades cedo demais, devido a vinda desse filho, acaba transformando-o numa criança deprimida, pois por mais que se esforça para agrada-los sempre encontram defeitos no que faz, gerando assim uma pessoa permissiva e frustrada que passa a acreditar que merece ser castigado.

Em algumas situações se tornam vítimas em outras dependendo da personalidade podem favorecer o desenvolvimento da agressividade nas crianças,

levando-as a agirem como autores de bullying. Além disso, existem alguns fatores individuais que também influenciam no comportamento agressivo: como a hiperatividade, impulsividade, distúrbios comportamentais, baixa inteligência, dificuldades de atenção, geralmente é popular, gosta de chamar a atenção envolvendo-se em atitudes anti-sociais, podendo se tornar agressivo também com adultos, vê sua agressividade como qualidade, por ser geralmente mais forte, sente prazer e satisfação em dominar, vê sua agressividade como qualidade, por sentirem-se insatisfeitos com a escola e família, possuem tendência maior para comportamentos de risco como; consumo de álcool ou outras drogas.

Portanto como a violência domestica parte do principio com atitudes, palavras depreciativas, diminuindo a autoestima. Começam a exercer influencia negativa no comportamento das crianças e jovens. E estas podem comprometer seu desenvolvimento psicológico por toda vida,. Nesse sentido GONÇALVES (2001), comenta que quando:

[...] é a família que propicia os aportes afetivos e, sobretudo materiais necessários ao desenvolvimento e bem estar dos seus componentes. Ela desempenha um papel decisivo na educação formal e informal, é em seu espaço que são absorvidos os valores éticos e humanitários onde se aprofundam os laços de solidariedade. É também em seu interior que constroem as marcas entre as gerações e são observados valores culturais. (p. 10).

Para ajudar a combater a violência nas escolas é de suma importância o uso de metodologias diversificadas. Segundo GUARESCHI (2008):

É indispensável uma relação respeitosa entre alunos e professores, de forma a garantir possíveis trocas de ambas as partes e liberdade de expressão aos alunos. Muitas escolas promovem atividades e jogos em grupo como rodas de conversas, nas quais os alunos possam expor suas idéias sobre diferentes assuntos, incluindo violência, preconceito e exclusão (p. 77).

A tarefa do educador é prevenir e intervir em situações de desvio ou risco procurando exercer influências positivas nos indivíduos.

3.1 CLASSIFICAÇÃO DO BULLYING

Segundo MARTINEZ (2002), o bullying pode ser classificado em 4 tipos:

- Físico: Como empurrões, tapas, agressões com objetos. Este tipo é mais comum e ocorre com mais frequência na escola primária do que na secundária.

- Verbal: Ocorre com mais frequência na investigação de muitos autores. Os insultos, xingos as críticas a defeitos físicos os menosprezos e ultimamente a utilização dos meios de comunicação como o celular e internet.
- Psicológico: Ações que diminuem a auto-estima fazendo com que as vítimas sintam insegurança e medo. Este componente psicológico faz parte de todas as formas de maltrato.
- Social: Isolar o indivíduo, fazendo com que outros se tornem participantes destas ações. Estas ações se consideram opressão.

Muitos jovens, sentem mais necessidade de serem aceitos e de pertencer a um grupo, e outros acreditam que demonstrando auto-afirmação, conseguem chamar a atenção para si. Mais ainda sentem necessidade de expressar seus sentimentos mais íntimos, de se colocar no lugar do outro e de perceber suas dores e sofrimentos. Mas ainda existem aqueles que sentem necessidades de descarregar nos outros suas frustrações e descontentamentos por serem incapazes de administrarem seus próprios sentimentos, efetivamente por estarem muito mal preparados para enfrentar as adversidades da vida.

Comentários depreciativos se alastram e tornam o bullying ainda mais perverso. Todo mundo que convive com crianças e jovens sabe como eles são capazes de praticar pequenas e grandes perversões. Debocham uns dos outros, criam os apelidos mais estranhos, reparam nas mínimas “imperfeições” – e não perdoam nada. Na escola, isso é bastante comum. Implicância, discriminação e agressões verbais e físicas são muito mais freqüentes do que o desejado. Esse comportamento não é novo, mas de maneira como pesquisadores, médicos e professores o encaram vem mudando. Há cerca de 20 anos, essas provocações passaram a ser vistas como uma forma de violência e ganharam nome bullying (palavra do Inglês que pode ser traduzida como intimidar ou “amedrontar”). Sua principal característica é agressão (física, moral, ou material) é sempre intencional e repetida varias vezes sem uma motivação específica. Mais recentemente, a tecnologia deu nova cara ao problema. E-mails ameaçadores, mensagens negativas em sites de relacionamento e torpedos com fotos e textos constrangedores para a vitima foram batizados de cyberbullying. Aqui, no Brasil, vem aumentando rapidamente o número de casos de violência desse tipo. (SANTOMAURO, 2011, p. 68).

Infelizmente devido as facilidades que a tecnologia vem oferecendo muitas pessoas aproveitam esses meios para atormentar outras pessoas, desejos torpes de vinganças ou simplesmente para soar e se divertir as custas das humilhações alheias. Pois se sentem protegidos atrás de uma tela para atormentar seus semelhantes.

No espaço virtual, os xingamentos e as provocações estão permanentemente atormentando as vitimas. Antes o constrangimento ficava restrito aos momentos de convívio dentro da escola. Agora é o tempo todo. Os jovens utilizam cada vez mais ferramentas de Internet e de troca de mensagens via celular – e muitas vezes se expõem mais do que devem, A tecnologia permite que, em alguns casos, seja muito difícil identificar os

agressores, o que vem aumentando a sensação de impotência. (SANTOMAURO, 2011, p. 68).

Questiona-se muito porque crianças de jovens andam praticando tantas manifestações de violência física, psicológica, contra seus próprios colegas utilizando de detalhes supérfluos para tentar diminuir o outro, por causa do cabelo, ou seja a cor da pele ou simplesmente para soar, se divertir

A tecnologia permite que a agressão se repita indefinidamente. Pois a mensagem maldosa pode ser encaminhada por e-mail para varias pessoas ao mesmo tempo e uma foto publicada na Internet acaba sendo vista por dezenas ou centenas de pessoas, algumas das quais nem conhecem a vítima. O grupo de agressor passa a ter muito mais poder com essa ampliação do público. (SANTOMAURO, 2011, p. 69).

com que a criança deixe de se sentir segura em lugar algum e em momento algum. Deixa de ter privacidade, tendo sua vida invadida nos finais de semana, nas férias. Por ser mais difícil identificar o agressor as agressões continuam por muito tempo. Muitas vezes procuram proteção nos ambientes mais calmos para evitar encontrar quem os agrida. FANTE e PEDRA (2008), destaca que:

Se os pais permitem ou reforçam abertamente a agressão, é possível que as crianças se comportem agressivamente em casa e, por generalização, em outros lugares em que sintam ser a agressão permitida, esperada ou encorajada. A presença de um adulto permissivo favorece a expressão do comportamento agressivo. (p. 93).

Felizmente, para PEREIRA (2002), escola e muitas famílias estão cada vez mais cientes que é necessário ficar atentos às reações dos filhos conversarem com as crianças buscar a confiança dos mesmos, orientá-los para manter afastados os agressores. Segundo FANTE e PEDRA:

O papel da escola, da família e da comunidade, onde se inserem crianças e adolescentes, tem papel fundamental na contribuição da descoberta do sujeito, isso também se faz necessário para que se possa conhecer quem está ao seu lado, dessa forma compreendendo e respeitando as diferenças, atitudes e reações do outro (2008 p.96).

3.2 AS CONSEQÜÊNCIAS PROVOCADAS PELO BULLYING

O impacto que as crianças e adolescentes sofrem numa relação direta com a agressividade e a freqüência com a qual ela é submetida, dependendo do tempo de duração e severidade dos atos de bullying, ela incorrerá num maior risco de apresentar problemas associados a comportamentos anti-sociais, quando for adulto, podendo assim perder oportunidades no trabalho ser instável e ter relacionamentos

afetivos, por sofrer de depressão e baixo auto-estima. E conseqüentemente se tornará uma pessoa de difícil convivência familiar.

Segundo LOPES NETO (2005, p.164):

o bullying pode trazer alguns prejuízos como; prejuízos financeiros e sociais também são causados pelo *bullying* uma vez que as crianças e adolescentes que sofrem ou praticam *bullying* podem precisar de diversos serviços como saúde mental, justiça da infância e adolescência, educação especial e programas sociais. Outro tipo de prejuízo surge na família dos alunos alvo, pois os sintomas emocionais vivenciados pelos envolvidos no *bullying* afetam diretamente a estrutura da dinâmica familiar, podendo surgir nos pais sintomas depressivos e influenciando seu desempenho no trabalho por não saberem como reagir com os sentimentos próprios e de seus filhos, podem sentir indiferença, ira, inconformismo, seja contra si mesmos ou contra a escola, podem sentir frustração e sentirem-se impotentes quando não conseguem fazer nada para proteger seus filhos ou mudar a situação.

As conseqüências de agressões sofridas para a vida de algumas crianças, segundo FANTE (2005), são maiores do que para outras e as reações são de umas para outras são mais avassaladoras. Sendo que estas podem ser físicas e emocionas de curto e longo prazo, podendo acarretar dificuldades acadêmicas, emocionais, sociais e legais.

Dentre os fatores que influenciam a agressividade, FANTE (2005), comenta que encontramos o meio ambiente. Geralmente, o que falta à criança é a habilidade e a capacidade para lidar com as situações aversivas do meio, o que lhe provoca inúmeros sentimentos, dentre eles, a raiva, o medo e a insegurança. Os atos agressivos também podem ser aprendidos por meio da observação de modelos agressivos. A maneira pela qual a criança é cuidada e considerada nos primeiros anos de vida determina, em grande parte, a estima e o respeito que terá por si mesma quando se tornar adulta. A falta de autoridade real dos pais, a ambigüidade de ordens, proibições e contradições, que resultam da insegurança ou do seu estado de humor, deixam a criança mais desprotegida para se adaptar à realidade. A autora Cleo Fante, em seu livro "Fenômeno Bullying" deixa claro que as conseqüências desse fenômeno

[...] afetam todos os envolvidos e em todos os níveis, porém especialmente a vítima, que pode continuar a sofrer seus efeitos negativos muito além do período escolar. Pode trazer prejuízos em suas relações de trabalho, em sua futura constituição familiar e criação de filhos, além de acarretar prejuízo para a sua saúde física e mental. (2005, p. 79).

As crianças que manifestam um comportamento agressivo, mais freqüentemente, segundo a autora tendem a buscar menos o apoio em outras

peessoas. A superação também vai depender das suas características individuais, do seu relacionamento consigo mesmo, principalmente com a sua família. Apresentam baixa auto-estima e têm dificuldade para estabelecer uma relação de confiança ao interagir com os outros, porque, geralmente, sentem-se ameaçadas. A dificuldade que apresentam no âmbito das relações as impede de, no momento que enfrentam um problema, recorrer aos adultos para pedir ajudar.

O adulto no papel de educador tem grande responsabilidade na ação de combate ao fenômeno bullying. Sua função seria, de um lado, chamar a atenção do agressor com firmeza em relação ao respeito ao outro, à convivência social e às regras ligadas a esta; de outro, desenvolver todas as práticas e estratégias pedagógicas que favoreçam a educação voltada para as relações e para os encontros entre os membros do mesmo grupo-classe (CONSTANTINI, 2004, 51).

Os educadores devem usar da criatividade e tentar incluir, da melhor maneira possível, os alunos tidos como "problemáticos" em suas aulas. Orientar para que os alunos possam aprender desde a infância que em alguns momentos, da realização direta de seus desejos, deverão ter um pouco de paciência e esperar sua vez para que possam estar em grupo e viver numa comunidade. Todavia, um dos papéis de educador é exatamente o de possibilitar esse crescimento e amadurecimento para as relações pessoais entre os alunos.

CONSTANTINI (2004, p. 69), fala da importância de construir contextos educativos significativos para que através do aspecto relacional crie-se um clima educacional positivo, significativo ajudando no desenvolvimento do adolescente, criando contextos em que se promovam as habilidades cognitivas, emocionais e sociais, benéficas ao desenvolvimento da pessoa.

Para a vítima de *bullying* um contexto significativo é aquele que consegue protegê-la das intimidações e humilhações e permita que ela desenvolva com menos tensões sua capacidade de autodefesa e para o agressor o contexto que mostre suas ações transgressivas e o induza a aprender regras básicas da vida em comum da sociabilidade e da solidariedade, aprenda a respeitar ao outro, mudança de atitudes, controle dos impulsos. (2004, p. 69).

3.3 PAPEL DO EDUCADOR NA PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA

É muito importante, segundo a maioria dos autores, para que haja uma integração entre os ambientes (escola e família) para se compor o quadro de uma forma real e objetiva. Tanto os pais quanto os professores precisam entender que as

reações e dificuldades que as crianças apresentam, necessitam de um trabalho em conjunto, e todos serão beneficiados, principalmente as crianças. As conseqüências são diversas tanto para alvos, autores e testemunhas sendo que estas podem ser físicas e emocionas de curto e longo prazo, podendo acarretar dificuldades acadêmicas, emocionais, sociais e legais. Acima de tudo vale salientar que é função da escola dar atenção especial, as crianças que apresentem dificuldades de aprendizagem e dificuldades de relacionamentos escolares. Para que desempenhe de seu papel social.

Na opinião de FERMOSO (1998:92),

a intervenção poderá ser ao nível da prevenção primária e secundária, centrando-se a "educação preventiva primária" em campanhas de sensibilização contra a conduta violenta na escola, realizadas nas escolas, A.T.L.'s, casas da juventude, ou mesmo nos meios de comunicação social, formação de professores, pais e educadores, ... A "educação preventiva secundária" seria realizar actividades de educação não formal individualizadas, auxílio pedagógico a alunos com condutas violentas, intervenção directa na resolução de conflitos, ajuda aos pais que têm filhos com condutas violentas, orientando-os na resolução de tais problemas.

Felizmente, ainda segundo FERMOSO (1998), as escolas estão muito preocupadas e encarando com seriedade manifestações de agressão entre os alunos, são situações que não podem ser vistas como simples brincadeiras de criança. Hoje já existem alguns encontros pedagógicos para orientar pais e alunos, garantir que tomem consciência, que manifestações de agressividade não podem ficar impunes. Os educandos estão sendo alertados o tempo todo. Os cuidados com divulgação de dados pessoais nos sites de relacionamento, com conteúdos acionados, o uso do computador, limitar o numero de amigos virtuais. Desenvolver nos grupos a proteção coletiva a capacidade de se preocupar com os outros. Leva-los a construir imagem positiva de si mesmo e entorno, encontros com pais e alunos para um trabalho de conscientização. Estarem sempre atentos a sinais, identificar mudanças no comportamento dos colegas. É comum as vitimas se queixarem de dores de cabeça e falta de vontade de ir para a escola. Uma boa maneira para realizar sondagem é aplicar questionários para sondar como os alunos se relacionam se tratam. Abordar o assunto com os alunos contar historias que os façam refletir e comprometer-se. Nas situações mais extremas há a necessidade de levar o problema a delegacias especializadas em crimes digitais.

É melhorando na qualidade do ensino nas nossas escolas, contar com a participação efetiva da família e da comunidade e um interesse maior das políticas

publicas na educação e que continue o incentivo a formação e o aperfeiçoamento dos educadores e melhorias dos espaços físicos das escolas.

Segundo GADOTTI (1995, 38),

são necessárias algumas diretrizes básicas, dentre as quais estão: a autonomia da escola, incluindo uma gestão democrática, a valorização dos profissionais de educação e de suas iniciativas pessoais. Oportunizar uma escola de tempo integral para os alunos, bem equipada, capaz de lhe cultivar a curiosidade e a paixão pelos estudos, a curiosidade e a paixão pelos estudos, a valorização de sua cultura, propondo-lhes a espontaneidade e o inconformismo. Inconformismo traduzido no sentimento de perseverança nas utopias, nos projetos e nos valores, elementos fundadores da idéia de educação e eficazes na batalha contra o pessimismo, a estagnação e o individualismo.

Pais e educadores sabem que educar nunca foi e nem uma tarefa fácil, mas quando as crianças são tratadas com carinho e atenção elas aceitam com mais facilidade as normas e regras da família e da escola. E cada tipo de problema varia de acordo com cada etapa da escolarização, precisa-se principalmente, ficar atento aos traços pessoais de personalidade de cada aluno. O elemento chave para que essas questões possam ser melhor conduzidas acima de tudo é a união da escola com a família. Segundo ZAGURY (2004, p. 1),

[...] tem muito a ver com a agressividade, crianças que não têm limites tendem a se tornar agressivas quando estes lhe são impostos. Numa relação entre pais e filhos, há sempre uma luta pelo poder. Se a criança encontra espaço para exercer sua agressividade, ela utiliza este espaço. Daí a importância dos limites, tanto em casa como na escola.

De qualquer modo os momentos mais estressantes na vida de qualquer criança, são as mudanças, novidades, as exigências escola e também à chegada da pré adolescência. Cada criança reage de maneira diferente diante das adversidades e necessidades da vida, reagindo de acordo com a estrutura psicológica que receberam em casa, são diferentes na maneira de lidar com as tensões da vida. É por isso exatamente que nessas fases de provação afetiva e emocional que vêem à tona as características da personalidade de cada um, as fragilidades e dificuldades adaptativas. O preparo e bom senso do professor é o elemento chave para que essas questões possam ser melhores conduzidas.

Temos que compreender a firmeza dos pais na proteção dos filhos contra o domínio do capricho, conscientizar os jovens de suas tendências, para que se conheçam a si mesmos, no processo de desenvolvimento intelectual e emocional, e qual o significado da responsabilidade. As apropriações de boas condutas não acontecem de forma isolada. Exige dos pais firmeza equilibrada, guiar e para

conscientizar os jovens as crianças ao senso e da integridade nos caminhos da vida. Baseados nesses preceitos dar oportunidades aos filhos expressarem suas idéias contra eventuais injustiças e incompreensões que fazem parte do processo intelectual.

As relações humanas, embora muito complexas, segundo ABREU e MASETTO (1990), são peças fundamentais formação e na realização comportamental e profissional de um indivíduo. Desta forma, a análise dos relacionamentos entre professor/aluno envolve interesses e intenções, sendo esta interação o expoente das conseqüências, pois a educação é uma das fontes mais importantes do desenvolvimento comportamental e agregação de valores nos membros da espécie humana.

Segundo ABREU & MASETTO (1990: 115),

É o modo de agir do professor em sala de aula, mais do que suas características de personalidade que colabora para uma adequada aprendizagem dos alunos; fundamenta-se numa determinada concepção do papel do professor, que por sua vez reflete valores e padrões da sociedade.

A escola sozinha torna-se fraca nas ações contra a violência, mas pais comunidade e escola unidas em prol ao combate à mesma podem dar grande contribuição a sociedade, E violência não é um fato que só acontece em bairros da periferia mas, segundo PEREIRA (2002), existe um certo, preconceito em relação a condição social dos moradores destes bairros.

O papel do educador se torna fundamental para prevenir intervirmos em situações que envolvem agressões dentro das escolas. Elaborar e aplicar estratégias para prevenção às causas de desequilíbrios sociais, exercendo influências positivas entre os estudantes. Procurar descobrir os reais motivos das agressões mesmo leves de mau gosto, como empurrões, tapas chutes as discussões por quaisquer razões, Nesse sentido, PEREIRA (2002), acrescenta que

A educação e a cultura deveriam tender à eliminar as formas agressivas de resolução de tensões que provocam as diferenças individuais. A educação deveria valorizar e promover os comportamentos de empatia, a negociação verbal, o intercâmbio de idéias, a cedência de ambas as partes na procura da justiça, no direito à igualdade de oportunidades para todos e no direito às diferenças de cada um. Educar para a liberdade com igualdade de direitos e obrigações em que os direitos de um determinam onde começam os direitos dos outros (p. 11).

A sociedade é um instrumento de manutenção e transformação social na qual torna os seres humanos capazes de se apropriar de valores de forma negativa

ou positiva, adquirir conhecimento, desenvolver capacidades necessários a convivência social. ANTUNES (2002, p.8), diz que:

Ser amigo dos alunos, compreensivo e companheiro é ser, realmente, sujeito, é ter a mentalidade aberta e acompanhar o processo de construção do conhecimento, agindo como agente entre os objetos do saber e a aprendizagem, ser para o aluno seu decifrador de códigos e receptor de suas muitas linguagens, significa estabelecer limites e construir democraticamente uma interação, onde em lugar da opressão e da prepotência, eleva-se à dignidade de quem educa, a certeza de quem planta o amanhã.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema agressividade é muito complexo e envolve tantas variáveis que seria impossível em um trabalho abordar o assunto de forma completa. É necessário, porém, que os também pais entendam que o comportamento agressivo das crianças e dos adolescentes não surge do nada. Ele é construído na interação com o ambiente e relações sociais. O desenvolvimento de atitudes positivas, do respeito em relação a si mesmo e as outras pessoas é primordial, e faz parte do conhecimento que adquirimos em primeiro lugar com nossa família e sociedade. Deveria ser parte integrante do processo de educação de cada ser humano. Por isso a interação entre alunos e professores se torna peça fundamental para a realização de mudanças nas relações humanas. ELIAS destaca: *"É por intermédio das modificações comportamentais da área afetiva que a escola pode contribuir para a fixação dos valores e dos ideais que a justificam como instituição social."* (1999, p. 99)

Somente quando o sistema educacional levar o indivíduo a questionar sua própria educação. E o que está recebendo com isso, possibilitar ao aluno assumir uma postura crítica diante do próprio tipo de educação, é que ela estará se desincumbindo de sua tarefa.

Para combater a violência, a escola precisa ser mais bem amparada em todos os aspectos, receber mais recursos pedagógicos, ter mais profissionais a disposição para trabalhar com os alunos, serem mais bem pagos, pois enfrentam toda espécie de situações conflitantes, desde indisciplina até problemas neurológicos. E afirmam que o educador tem que dar conta do recado. Hoje, a maioria das salas, compõe de trinta ou mais alunos em cada sala de aula, prejudicando aprendizagem dos alunos, pelo excesso de alunos, e tornando a tornando o papel do educador cada vez mais difícil devido a indisciplina e agressividade dos alunos para com eles mesmo, O professor cumpre com o papel do pai de psicólogo e ainda precisa sobrar tempo para ensinar o conteúdo. A missão do educador é levar conhecimento, e servir de mediador para que o aluno aprenda. E teriam mais êxito, se esse aluno viesse mais bem estruturado psicologicamente tivesse uma base familiar mais sólida, independente do tipo de família que tiver.

Recebesse aulas sobre regras de comportamento e noções de cidadania e respeito ao próximo, de sua família a escola obteria resultados melhores no ensino.

Assim, se a escola ensinar seus alunos a respeitar as diferenças, trabalhando a prática de valores, será possível criar um ambiente sadio aos educandos. Dessa forma, a instituição de ensino amenizará os conflitos que podem resultar na prática do Bullying. (BANDEIRA, 2003 p.33)

A escola tem por objetivo educar para a esperança, futuro, a felicidade. E através da união com a família os educadores consigam mudar ou ao menos modificar aos poucos a humanidade. E essa consiga superar a brutal exclusão social que marca nosso tempo. A educação tem um papel central, nesse parâmetro, devemos acreditar e apostar em uma educação que abra horizontes de esperança e que seja capaz de articular competências e habilidades sociais. E sejam favorecidos todos àqueles que estiverem inseridos nesse processo de humanização dos sujeitos. Segundo VALENINE (1995, p. 7)

a cidadania é o espaço para a realização das pessoas. É por meio de seu exercício que a sociedade pode reassumir seus rumos, redefinir sua organização e reorganizar suas atitudes e objetivos, para que sejam voltadas para o bem comum e para que se atualizem de acordo com as mudanças que vão ocorrendo.

É sempre bom ressaltar que é inevitável a autonomia da escola como prática social. E além da necessidade de serem registradas em papel, a exposição de ideias opiniões e sugestões, e decisões toda comunidade escolar deve ter participação constante e igualitária de todos.

REFERÊNCIAS

- ABRAPIA, Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência. **Bullying**. Disponível em: www.bullying.com.br/ Acesso em: 17 mai. 2007, p. 117.
- ABREU, Maria C. & MASETTO, M. T. **O professor universitário em aula**. São Paulo: MG Editores Associados, 1990.
- ANTUNES, Celso. **Professor bonzinho = aluno difícil**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BANDEIRA, Lúcia Regina. **A afetividade na educação**. Carazinho: ULBRA, 2003.
- BOCK, Ana Mercês Bahia et al. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de psicologia. São Paulo: Saraiva, 1989.
- BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente – ECA**. Brasília: Distrito Senado Federal, 1990.
- CONSTANTINI, A. **Bullying**: Como combatê-lo? Prevenir e enfrentar a violência entre os jovens. Trad. Eugeni Vinci de Moraes. São Paulo: Itália Nova Editora, 2004.
- CHALITA, Gabriel. **Educação, a solução está no afeto**. 6. ed. São Paulo: Gente, 2001.
- COSTA, A. e COSTA, N. **Limites e disciplina na relação pais e filhos**. Belém: UFPA, 2002. Publicado em: 24 de Agosto de 2012.
- ELIAS, M. D. C. **Pedagogia Freinet – teoria e prática**. São Paulo: Papirus, 1999.
- FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2. ed. Campinas: Veros Editora, 2005.
- FANTE, C. & PEDRA, J. A. **Bullying escolar**: perguntas e respostas. Porto Alegre: Artimed, 2008.
- FERMOSO, P. **La violencia en la escuela**: el educador – pedagogo social escolar. In PANTOJA, L. (Org.). Nuevos espacios de la educación social. Bilbao: Universidad de Deusto, 1998.
- FERNANDES, J.V. **Globalização excludente indisciplina e violência na escola**. 2001. Disponível em: www.educacao.te.pt. Acesso 02 ago. 2007.
- FERNANDES, Cadi. **Crianças sem referências positivas**. Diário de Notícias. Disponível em: <http://www.dn.pt>>. Acesso em 03 fev. 1998.
- FRANCISCA, Lúcia Carlota de Araújo. **Agressividade entre crianças em idade escolar**. Disponível em: <http://anaritadias.blogspot.com>>. Acesso em 29 jan. 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997. (Coleção leitura).

FREUD, Anna. **Infância normal e patológica** (determinantes do desenvolvimento). 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

FREUD, Sigmund. **O caso Schreber**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1980.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia**: diálogo e conflito. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

GOTIZENS, Concepcion. **A disciplina escolar**: prevenção e intervenções nos problemas de comportamento. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

GONÇALVES, Ana Cléia Ferreira. Conflitos de relacionamentos entre pais e filhos adolescentes no contexto familiar. 2001 p. 22. Monografia, Centro de Ciências Humanas e Educação, Curso de Serviço Social, Universidade da Amazônia, Belém do Pará, Disponível em: http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/monografias/Conflitos_entre_pais_filhos.pdf. Acesso em: 16 de maio/2010

GUARESCHI, A. P. SILVA, M. R. da. (Coord.) **Bullying mais sério do que se imagina**. 2. ed. Porto Alegre: Mundo Jovem, EDIPUCRS, 2008.

MARTÍNEZ, J.M.A. El maltrato em los centros escolares (bullying). 2002. Disponível em <http://www.el-refugioesjo.net/bullying/bullying-definicion.htm> Acesso 08 maio 2007.

LOPES NETO, A. A. **Bullying – comportamento agressivo entre estudantes**. Jornal de Pediatria, Rio de Janeiro, Suplemento, p.164, 2005.

MIELNIK, Isaac. **O comportamento infantil**: técnicas e métodos para entender crianças. 2. ed. São Paulo: Ibrasa, 1982.

NOGUEIRA, R.M.C.D.P.A. **Escola e violência**: análise de dissertação e tese sobre o tema produzidos na área de educação, no período de 1999 a 2000. São Paulo, 2005. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

PARO, Vitor Henrique. **Qualidade do ensino**: a contribuição dos pais. São Paulo: Xamã, 1997.

PAIS, J. Machado. **Culturas juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1993.

PEREIRA, B. O. **Para uma escola sem violência**: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças. Fundação Calouste Gulbenkian. Fundação para a Ciência e tecnologia. Ministério da Ciência e Tecnologia. Porto: Editora Imprensa Portuguesa, 2002.

PEREIRA, S. M. de S. **Bullying e suas implicações no ambiente escolar**. São Paulo: Paulus. 2009, p. 53.

PEREIRA, José. **Violência**: uma análise do “homo brutalis”. São Paulo: Alfa-Omega, 1975. (Coleção Atualidade. V. 1).

PIAGET, Jean. **Inteligência y afectividad**. Buenos Aires: Aique 2001.

PIAGET, J. **Para onde vai a educação**. 15. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972/2000.

PIAGET, J. **Biologia e conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 1983.

PIAGET, Jean. **O julgamento moral na criança**. São Paulo, Editora Mestre Jou, 1977.

SANTOMAURO, Beatriz. **Ciberbullying - Violência virtual**. 2011. Revista Nova Escola. Edição 233 Disponível em: <moderna.com.br/pnld2011>. Acesso em 17 maio 2010.

SANTOMAURO, Ana Beatriz. **Bullying - Violência virtual**. 2010. Revista Nova Escola. Edição 233 Disponível em: <moderna.com.br/pnld2011>. Acesso em 01 jul. 2010.

SISTO, F. F. **Aceitação-rejeição para estudar e agressividade na escola**. Psicologia em Estudo. [on-line] v. 10, n. 1, 2005 p.13. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141373722005000100014&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em mar. 2006.

SNYDERS, Georges. **Feliz na universidade**: estudo a partir de algumas biografias. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

TIBA, Içami. **Disciplina, limite na medida certa**. São Paulo: Gente, 1996.

TIBA: Içami. **Quem ama Educá!**. São Paulo: Gente, 2002.

VALENINE, L.D. Qual Cidadania? In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 15. Fortaleza CE, 1995. O professor necessário na construção da cidadania. Fortaleza, AEC, jul. 1995.

WHITE, Ellen Golden. **Orientação da criança**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1993.

ZAGURY, Tânia. **Revista Eletrônica Nova Escola**, 2004. Disponível em: <<http://www.novaescola.abril.com.br>>. Acesso em: 20 set. 2007.

ZAGURI, T. **Limites sem trauma**: construindo cidadãos. 16. ed., Rio de Janeiro: Record, 2001.